

Música e Mídia Radical: *O Saravá Metal* como contestação à lógica dominante¹

Helciane da Silva COELHO²

Mouzart Guimarães de MELO³

Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, AM

Resumo

Os meios midiáticos se estendem em diferentes plataformas com intuito de difundir informações em conteúdos diversos. A música como mídia alternativa é uma forma de propagar informação a partir das letras e performance artística. A mídia radical por sua vez, propõe questionar o modelo político, social, econômico e cultural através do conteúdo alternativo à mídia hegemônica. O objetivo deste artigo é analisar como o estilo musical *saravá metal*, criada pela banda Gangrena Gasosa (RJ), é uma forma de contestação à música *mainstream*, juntando elementos da cultura afro-brasileira e o *heavy metal*. Dessa maneira propomos uma discussão da música como instrumento de mídia alternativa em uma perspectiva de mídia radical proposta por Downing (2004).

Palavras-chave: Mídia Radical Alternativa. Música. Gangrena Gasosa. Saravá Metal.

Introdução

A comunicação está presente no dia a dia das pessoas. No sentido simples é a troca de informação entre dois ou mais indivíduos que denota um significado. No sentido amplo, é um conjunto de interação social de troca de informação entre o indivíduo e a sociedade que produz sentido, a partir de um contexto. Para haver o processo comunicacional, se utilizam ferramentas como os meios de comunicação, para que a informação seja difundida. Os meios mais utilizados, os chamados meios de comunicação de massa, que são tv, rádio, jornais, cinema e internet.

Os produtos da comunicação de massa são difundidos em larga escala em esfera global. Geralmente, os conteúdos veiculados tem pouco tratamento e são atrelados ao sistema econômico vigente, exercendo forte influência em grande parte da população que utiliza esses meios.

¹Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do V Encontro Regional Norte de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGGCOM) da UFAM. Email: helcianescoelho@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de História da UEA-CESP. Email: melomouzart@gmail.com

Contraponto esse modelo, a comunicação em pequena escala, são mídias alternativas aos meios de comunicação hegemônicos. É uma oposição aos meios tradicionais, que dão vozes as minorias e a representação popular.

Dentro da ideia de mídia alternativa, a mídia radical, conceito criado por Downing (2004), é uma forma de contestação aos valores e práticas da cultura dominante. A mídia radical se manifesta em diferentes formatos dos meios de comunicação desde os tradicionais às linguagens artísticas e performáticas.

Nesse artigo, vamos trabalhar com a ideia de mídia radical alternativa, a partir das linguagens artísticas da música e como essa mídia pode ser uma forma de contestação aos parâmetros vigentes. Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar como o estilo musical “*saravá metal*”, criada pela banda Gangrena Gasosa (RJ), é uma forma de contestação à música *mainstream*, juntando elementos da cultura afro-brasileira e o *heavy metal*. Abordaremos como enfoque metodológico, o conceito de mídia radical proposta por Downing (2004) compreendendo este item como instrumento contra hegemônico; e a Música como mídia radical alternativa, ao final uma análise dos elementos performáticos da banda Gangrena Gasosa e o estilo “*sarava metal*” como forma de resistência no cenário musical brasileiro.

1. A mídia radical alternativa como instrumento contra hegemônico.

Considera-se mídia alternativa, toda e qualquer forma de contestação midiática aos meios de comunicação hegemônicos. Já a mídia radical, entende a comunicação de maneira ampla além dos modelos tradicionais (mídia impressa, rádio, tv, cinema e *web*), manifestando-se em diversas linguagens como jornais populares, panfletos, fanzines, rádio comunitária, música, cinema independente, artes visuais e performáticas, entre outras. Serve também como forma de pluralização de vozes, levantar questões que geralmente à mídia convencional tenta esconder ou até mesmo distorcer. (COELHO, 2016, p.13).

O conceito de mídia radical definida por Downing (2004) é ser uma mídia que questione a forma de dominação do sistema econômico e ideológico vigente, sendo uma alternativa aos meios tradicionais. O autor ressalta da seguinte maneira “[...] o termo *mídia radical*, refiro-me à mídia – em geral em pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. (idem, p.21, grifo do autor).

A mídia radical tem como parâmetros noções de contra-hegemonia, conceito baseado no pensamento de Gramsci, “como forma de categorizar as tentativas de contestar as estruturas ideológicas dominantes e suplantá-las com uma visão radical alternativa”. (DOWNING, 2004, p.48). Essa noção molda como a mídia alternativa pode se utilizar dos veículos comunicativos em oposição à lógica de dominação capitalista, a partir dos conteúdos produzidos como formas de contestação social, ou seja, dar voz as culturas populares reprimidas pela mídia burguesa.

Para Gomes (2013), a definição de mídia radical não está na ferramenta e sim no conteúdo como propulsor das ideias de determinado grupo. Ou seja, não é plataforma que é radical, e sim o que está sendo divulgado como característica radical ou subversiva, a ferramenta é apenas um potencializador dessas informações.

Downing (2004) aponta outros meios comunicativos além dos tradicionais como linguagem da mídia radical, como por exemplo: os movimentos sociais, o teatro popular e de rua, dança, a arte, estética, grafite e vestuário, filme e vídeo, a internet radical, outros.

Veremos a seguir como a música pode ser uma mídia alternativa a partir do conteúdo radical,

2. A Música como mídia radical alternativa

Gomes (2013) considera a linguagem da música, nos exemplos e experiência de mídia radical alternativa, apresentam-se em diversas formas e variados estilos que permeiam essa linguagem. Entender a música como mídia radical é perceber que a linguagem e o conteúdo veiculado, parte da ideia de trazer uma contestação social e desempenhar um papel importante na difusão de informação através das letras das músicas. Não somente levando em consideração a linguagem verbal, mas a performance artística através das vestimentas e desenvoltura nas apresentações que também transmite uma linguagem.

Downing (2004) aponta apenas dois grandes movimentos que desempenham a função de mídia radical: o *blues*, que nasceu após a libertação da escravidão dos negros e a canção de protesto do movimento operário alemão. Mas destaca outras formas de linguagem radical como a poesia contada ao violão na Rússia Soviética, os movimentos de contracultura como o *rock* na década de 60, o *punk*, *reggae*, e o *rap*.

Destacamos a música popular brasileira na década de 60, durante a ditadura militar como forma de contestação a censura. Outros movimentos da mesma época como o *rock*, *punk*, o *heavy metal* também foram censurados pelo governo, mas foi um impulso para driblar a censura através das letras de protesto.

No cenário musical, as produções com conteúdos subversivos ainda não faziam parte dos meios midiáticos como rádio e TV, algumas ressalvas como Chico Buarque, Caetano Veloso e Geraldo Vandré e outros grandes nomes da música brasileira foram destaque no Festival de Música Brasileira da TV Record, mas ainda não mostrava a real contestação dos músicos ao golpe militar.

No pós-golpe, com a popularização dos programas de auditório no início da década de 1990, foi uma abertura ao cenário musical que não enfrentava mais o fantasma da censura. Um terrível engano, pois a maioria das bandas com conteúdos de contestação ao governo continuou no escuro. Principalmente o *rock* e as demais vertentes desse estilo, em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte foram suprimidas apenas promovendo festivais independentes e *shows* em locais pouco conhecidos e sendo repreendidas pela polícia.

Ainda sim, no cenário atual, as músicas *mainstream* são os conteúdos *pop* nacional e internacional que não agride a funcionalidade do poder dominante. A indústria fonográfica brasileira destaca os estilos sertanejo, pagode e o *funk* como modelo inofensivo as massas, sem muito tratamento musical e com letras chicletes, que grudam na cabeça, com tem tempo de vida útil até vir outro sucesso de verão que abafe o anterior.

As músicas com conteúdos radicais ou subversivos ainda estão fora do contexto musical brasileiro. No entanto é de forma *underground* ou independente que atinge o público que realmente aprecia esse tipo de material melhor elaborado e que realmente traz a tona as culturas populares ou aproxima os aspectos socioculturais de determinado grupo.

3. Gangrena Gasosa: O sarava metal como forma de resistência no cenário musical brasileiro.

A banda Gangrena Gasosa foi formada no Rio de Janeiro no início dos anos de 1990 em contexto musical onde o rock estava desgastado e a cena nacional em baixa, visto que a popularidade dos anos de 1980 já não era mais a mesma. A indústria fonográfica mudou o foco de mercado para estilos como o sertanejo e o pagode. As bandas novas que

tentavam criar um estilo diferenciado de rock ficaram no *underground*, no cenário alternativo da música nas grandes metrópoles do país. No documentário “*Desagradável*”, lançado em 2013 e que conta a história da banda Gangrena Gasosa e da cena alternativa do Rio de Janeiro, alguns personagens afirmam que existiam bandas dentro no circuito *underground* que faziam um rock pesado e que tentavam criar algo novo. Porém a maioria eram bandas de qualidade técnica muito baixa, músicos que tocavam mal e de conceitos que não eram facilmente assimilados pelo público. Uma dessas bandas era o próprio Gangrena Gasosa.

A banda foi criada por Cid Mesquita, baterista, em 1990, de acordo com a entrevista para o documentário, a ideia para o nome da banda surgiu de um programa de televisão que foi muito popular nos anos 80 e início dos anos 90, o “*Comando da Madrugada*” apresentado por Goulart de Andrade. Cid, ao assistir uma das edições do programa, viu a entrevista de uma pessoa com uma infecção em estágio avançado nos pés, uma doença chamada gangrena gasosa. De acordo com o fundador era o nome perfeito pra banda.

Em um outro documentário, o curta-metragem “*Saravá Metal*” produzido em 1993, um dos integrantes explica como surgiu o conceito da banda em usar elementos da cultura do candomblé e umbanda com o *heavy metal*. Um deles afirma que durante uma conversa entre os membros da banda alguém perguntou como seria estar incorporado por alguma entidade espírita. Com isso fizeram uma brincadeira onde um deles fingia-se estar incorporado dentro de um ônibus. Assim surgiu com esse episódio a ideia de uma letra para uma música, que veio a ser a “*Pegue santo ou die*”. A partir de então a banda se focou na temática da cultura e religião afro-brasileira misturando ao *Heavy Metal* e *Hardcore*.

A cena *underground* do Rio de Janeiro no início dos anos 90 era bem diversificada, apesar da baixa qualidade técnica das bandas, girou em torno de uma casa de shows chamada Garage, na Rua Ceará, bairro da Praça da Bandeira, Zona Sul da cidade. A banda frequentemente tocava no local e por muito tempo foi a principal atração dos eventos que ocorriam.

A Gangrena desenvolve nesse período a musicalidade e a estética que marcam a som peculiar da banda. Colocando cada vez mais elementos da macumba (instrumento musical da umbanda e do candomblé) e a musicalidade das religiões afro-brasileiras. As

letras também foram voltadas para essa religiosidade, principalmente ironizando o temor que a grande parte da população brasileira cristã tem em relação a essa cultura. Um dos entrevistados no documentário, o jornalista Pedro Só, que cobre a banda desde os anos 90, a define como sendo o verdadeiro *Black Metal* brasileiro, que ao invés de falar de Diabo, daquele criado pela igreja católica, canta em suas letras o preconceito às entidades espirituais devido à população não conhecer de fato a cultura afrodescendente. “Quanto mais evangélico, crente, mais burro o país vai ficando e mais oprime essa rica cultura e religião”. (DESAGRADAVÉL, 2013, em trecho do filme).

Figura 1: Banda Gangrena Gasosa e integrantes da Banda.



Fonte: internet

A banda também satiriza a própria representação cultural em suas letras. Cada membro da banda, salvo os que se negavam por motivos pessoais e espirituais, representavam entidades da umbanda e candomblé. Com isso estética e música impactaram o público e a sociedade carioca.

No início da banda os integrantes buscavam inspiração para as suas primeiras composições com essa temática em fonte no mínimo inusitadas, como afirma no documentário “*Desagradável*” o ex-vocalista Ronaldo “Chorão 3”. Segundo o ex-integrante do Gangrena, as letras das músicas “*Gangrena Gasosa*” e “*Saravá Metal*” foram escritas depois de lerem o livro “*Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônio*” de autoria do Bispo Edir Macedo, líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Com

isso os músicos inverteram a lógica que o autor do livro pretendia, e ironiza a ideia do livro tratando as entidades como se fossem demônios caricatos, místicos que a religião cristã prega contra e afirmam serem do mal.

Na contra mão do que a indústria da música determinava a Gangrena Gasosa continuou incrementando as sua musicalidade com as influências da macumba. Entre interrupções da banda e volta aos palcos em 2005 se reúnem para gravar um EP que é lançado em 6 de junho de 2006. Foi a primeira vez que gravam com instrumentos de percussão e com isso incluíram mais um músico, no caso um percussionista. Até então percussão foi usado em algumas das composições gravações até aquele EP. As canções se aproximam ainda mais do ambiente musical da macumba.

Ainda no início da banda como não possuíam meios sofisticados para divulgar o trabalho, visto que a internet ainda não era uma realidade no *underground* nacional, usaram de um meio popular entre os *punks*, um *fanzine* em que eles denominaram *mini-zine* “Amputação”. Foi um impulso para a banda se popularizar entre os participantes da cena alternativa do Rio de Janeiro. O *fanzine* continha o release repleto de desenhos, ilustrando a vida da banda e as letras das canções, o que facilitava a compreensão delas, pois não se conseguia entender com clareza as letras nos discos. Também continha várias histórias sarcásticas envolvendo entidades e crônicas do dia-a-dia carioca.

A banda Gangrena Gasosa através das letras das músicas e a performance no palco com as vestimentas representando os *exus* da cultura afro-brasileira composto por dois vocais, *Zé Pelintra* (O *exu* malandro) e *Omulu* (O Orixá da vida e da morte), *Exu Caveira* (O guardião do cemitério) Guitarra, *Exu Mirim* (O travesso das dimensões negativas) Bateria, *Pombagira Maria Mulambo* (A princesa dos escravos) Percussão e *Exu Tranca Rua das Almas* (O Mestre dos Caminhos) Baixo, essa representação é uma forma de contestar o modelo da indústria fonográfica e as músicas *mainstream* propulsoras da corrente dominante.

Conclusão

Apresentamos o conceito de mídia radical alternativa proposta por Downing (2004) fazendo um apanhado da música como mídia alternativa a partir do conteúdo das letras e performances artísticas, entendendo como forma de contestação social na propagação da informação sendo um instrumento contra hegemônico. Também apresentamos a banda Gangrena Gasosa que inovou o cenário musical brasileiro com o estilo “*sarava metal*” misturando elementos da cultura afro-brasileira e o *heavy metal*. Apontando como a indústria fonográfica enaltece as músicas *mainstream* como forma de alienação das massas.

A banda Gangrena Gasosa é uma mídia radical alternativa por conter nas letras das músicas uma sátira ao movimento *black metal*, que fala de demônios, trazendo a figura do exus do candomblé e umbanda e a performance no palco encenado um terreiro de macumba, além de enaltecer uma cultura reprimida ao cristianismo e subjugada pela grande mídia para manter a ideologia dominante.

Essa é uma maneira de mostrar a contracultura a partir das músicas que revela um outro cenário das questões sociais brasileiras. Sabemos que os meios independentes ainda são poucos difundidos e estudados. A importância das mídias alternativas radicais é trazer através da comunicação, um conteúdo que provoque questionamentos, e por sua vez, o conhecimento, além de quebrar preconceitos sobre determinados temas e aliar diferentes culturas gerando uma transformação social.

REFERÊNCIAS

COELHO, H. S. **Cinema e mídia radical em Parintins**: Análise da produção de sentido nos curtas último sem terra (2010), a pequena avatar (2011) e clamando por amor (2011). Monografia (Graduação em Comunicação Social Jornalismo). Parintins-AM: Ufam, 2016.

DESAGRADÁVEL. Direção: Fernando Rick. Produção: Angelo Arede e Fernando Rick. Roteiro/Edição/Pesquisa de Imagens: Marcelo Appezzato e Fernando Rick. Rio de Janeiro: Black Vomit Filmes, 2013. Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=xzsgen-oqiA>>>. Acesso em: 10jul. 2018.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2004

GOMES, M. **MÍDIA RADICAL**: como os grupos de oposição utilizam a mídia e a cultura para lutar pela transformação social. Artigo produzido no curso de Comunicação Social – Radio e TV da faculdade Nordeste. Fortaleza, 2013.

Saravá Metal. Direção: Adilson Pereira. Imagens e edição: Luiz Claudio Amaral. [S.l.]. 1993. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=RifN3bAEFHg&t=1s>>>. Acesso em: 10jul. 2018.